

Pedro Nava, por ele mesmo

Por EdinaRegina P. Panichi / Universidade Estadual de Londrina

HÁ MUITOS anos tenho me dedicado a estudar a obra de Pedro Nava. Em 1983, após o término do Curso de Especialização em Língua Portuguesa, pela UEL, encaminhei ao autor a minha monografia de conclusão do Curso, intitulada “Estilística Léxica em *Bau de Ossos*”. Na escolha do autor para a monografia, optei de imediato por Pedro Nava, atraída por seu estilo. Mas não foi essa a única razão: queria trabalhar com um escritor vivo, para que pudesse discutir com ele o resultado de minha pesquisa. A partir desse posicionamento, recebi não apenas o aval de Nava (“Estou convencido mesmo de que escrever é entrar num estado segundo o qual a coisa sai independente de nossa vontade, de nossa mesma intenção. Seu estudo foi, neste sentido, revelador de muita coisa que eu mesmo não percebia”, disse ele numa carta a mim encaminhada), como também a sua simpatia ao me receber, por diversas vezes, em seu apartamento na Glória, onde conversamos por muitas horas. Não só: nesta mesma carta, Pedro Nava dizia: “Digo como os ingleses – *I insist*. Será honra e proveito

Diálogo

meu que meus livros mereçam outros trabalhos seus”. E assim se fez. Concluí meu Mestrado e Doutorado trabalhando com a obra naveana e, ainda hoje, desenvolvo projeto de pesquisa sobre a obra do autor. Tenho, em mãos, cópia completa dos arquivos da obra *Beira-Mar/Memórias 4*, material inesgotável como fonte de pesquisa em Crítica Genética.

Transcrevo, a seguir, alguns trechos de nossas conversas, gravadas entre os anos de 1983 e 1984, pouco antes da morte do autor.

Edina Panichi: O que levou o senhor a deixar a Medicina para começar a escrever?

Pedro Nava: Todo médico tem um período de ascensão, onde constrói sua clínica, entra para o professorado e para grandes associações, como a Academia de Medicina, à qual pertence. Na sequência, inicia-se o declínio. Quase não se sente, mas é a idade. Tenho a impressão que o cliente tem uma preferência pelo médico já com oito, nove, dez anos de prática. Havendo a formatura em torno de 24, 25 anos, o médico de 35 anos para diante é aquele que inspira maior confiança, enquanto ele é moço. Mas quando ele está lá pelos 55, começa a haver a decadência da clínica. É uma coisa quase imperceptível. Dou como exemplo os meus horários. No apogeu da minha clínica, eu marcava consultas todos os dias, inclusive aos sábados. Trabalhava o dia todo, fora as aulas que dava. O telefone em casa não parava. Eu nem podia tirar um cochilo. Aí me veio o hábito de não dormir durante o dia, que conservei até hoje. O primeiro sinal que notei foi que comecei

a não ter necessidade de marcar tantas consultas de manhã. Depois, o sábado também desapareceu. Fiquei dando consultas à tarde, de segunda a sexta. Houve um momento em que passei a dar quatro consultas, quatro dias por semana. Depois, três dias por semana, dois dias, e finalmente, um dia, para atender velhos clientes fiéis que me procuravam. Agora é importante frisar que este processo não se passa em um mês, em um ano. Isso leva vinte anos mais ou menos. Foi o que durou no meu caso. A nossa celebridade é feita em oitenta por cento pelos clientes. Mas é preciso não esquecer que os clientes são gente de saúde frágil, que morre cedo. De modo que falha o nosso apoio. Começamos a não ver a badalação que existia anteriormente. As pessoas que nos achavam o melhor, somem, desaparecem, morrem e não influem tanto quanto antigamente, pois ninguém mais vai ouvir a opinião de um velho. E os nossos colegas de profissão, de confiança, aos quais indicávamos clientes e vice-versa, vão perdendo o prestígio também, vão envelhecendo, morrendo. Assim cessam essas duas cachoeiras que caem em cima da gente: os clientes e os colegas. A idade também concorre para nos tornar menos atraentes para os clientes. Tratar com uma pessoa moça é mais agradável. Fujo dos meus companheiros de idade. Gosto é de conversar com gente jovem. Eu tenho vontade que meus livros sejam lidos é por gente moça. Não me interessa a opinião de uma pessoa idosa.

E.P.: Por que escrever memórias e não romances?

P.N.: Quando senti que estava entrando nesse caminho de ficar só, analisando bem, pensei: O que é que

Diálogo

vou fazer quando ficar velho, se estiver com a cabeça funcionando direito? Pensei em coisas de que gosto: ser mercador de livros raros e velhos, que colecionei durante muito tempo de minha vida; ser mercador de gravuras, também tenho milhares delas. Pensei em tudo isso, mas depois resolvi retomar a minha tradição de mocidade. Eu tinha cultivado a literatura quando moço. E resolvi fazer uma literatura de velho, que não tinha ideia de expandir. Escrevia como distração, para meus irmãos, coisas que eles não sabiam, mas eu sabia sobre minha família. Escrevi meu primeiro livro e resolvi mostrar os originais a algumas pessoas que viviam insistindo comigo pra escrever memórias, por causa de um artigo que fiz sobre Belo Horizonte, por ocasião do cinquentenário de Carlos Drummond de Andrade. E eu tinha dentro da cabeça aquela tentação. Mande tirar quatro cópias: dei uma ao Drummond, para saber a opinião dele; uma ao Fernando Sabino e outra ao Otto Lara Rezende. Amigos em quem deposito a maior confiança. O Drummond, que não faz visita a ninguém, veio pessoalmente em casa me trazer os originais. Veio e ficou conversando comigo. E o que ele me disse foi de tal maneira para me encher de orgulho que nem repito – fica mal na minha boca. De qualquer modo, fez elogios que fiquei orgulhoso de receber. O Otto Lara aplaudiu, gostou muito. Disse que tinha que publicar, que aquele era um livro que não podia ficar apenas numa cópia de família. E o Fernando Sabino não me dizia nada. Até que um dia apareceu aqui. Ele tinha uma editora nesse tempo. Chegou e falou: “A minha opinião do seu livro é essa”. E me passou o contrato de edição. Assinei e aí ele fez o corte do meu livro que

tinha, inicialmente, 600 páginas. Ele falou: “Seu primeiro volume acaba aqui, na morte de seu pai e na sua volta a Minas. Esse é um ponto capital de sua vida. Você interrompe aí, porque deixa uma margem de suspense para o leitor querer continuar a leitura da sua obra. E você já fica com dois capítulos prontos para o segundo volume”.

E.P.: Quais foram as influências literárias que o senhor recebeu?

P.N.: Se você conversar com aquele pessoal do movimento modernista de Minas, verá que a nossa leitura inicial foi mais ou menos a mesma, incluindo autores como Aquilino Ribeiro e Eça de Queiroz. Mas eu, por exemplo, era fiel ao Anatole France, embora Drummond e outros da roda o repudiassem. Eu tenho perguntado a várias pessoas da minha geração por que isso ocorreu. Certamente porque a lição que podemos fazer é uma lição de pessimismo, é uma lição de descrença do nada fazer, do nada vale. Então nós não tínhamos que ler Machado de Assis, não é? Eu acho injusto isso que se fez, foi mais um cacoete dos modernistas, que pode ser observado também em seu repúdio à literatura francesa do fim do século passado. Sou leitor e releitor assíduo de Marcel Proust. Também li *Os Sertões* umas vinte vezes. Na verdade, chego a dar mais importância à releitura do que à leitura em extensão. Isso é muito importante na formação cultural, digamos, de um profissional da língua. Cada vez que relemos um livro, temos a impressão que nós já somos outra pessoa e julgamos a nossa pessoa de dentro. Daí,

Diálogo

recebemos novamente o livro – como um bumerangue, que vai e volta – com outra cor, outro jeito, outro peso.

E.P.: Ao ler uma obra, o senhor costuma anotar as partes que julga mais interessantes?

P.N.: Eu tenho um caderno no qual tomo nota dos trechos que mais me chamam a atenção pelo conteúdo ou pela forma. E também vou riscando as melhores partes e, no fim do livro, marco as páginas que vou reler.

E.P.: O senhor segue algum esquema para redigir os seus livros?

P.N.: Eu sempre faço uma súmula do que vou escrever. Tomo nota seguidamente quando me ocorre uma lembrança interessante, um fato curioso ou quando vejo uma combinação de duas palavras bonitas em jornais ou livros. As páginas do meu caderno de anotações acabam virando uma fichinha que vou guardando, cada uma com um número. Quando terminei meus dois primeiros livros, joguei todas as fichas fora. Conteí isso ao Drummond e ele me passou uma espinafração muito grande. Ele disse: “Tenha respeito pelo que você escreve; você guarde todas as notas porque se você for estudado mais tarde, você deixa isso como documentação”. Eu passei a seguir este conselho e com isso adquiri maior respeito pelo que escrevo, porque para escrever cada página minha eu consulto duas ou três fichas. Isso me deu certa tranquilidade, porque o que escrevo é resultado de elaboração e notas, é um trabalho cavado, meditado.

E.P.: Para recriar uma situação o senhor também costuma recorrer ao desenho?

P.N.: De fato. O desenho é muito interessante porque ele traz consigo uma carga muito grande de associação de ideias, é um instrumento de lembrança. Se eu tenho que reconstituir, por exemplo, um *toilette* de minha mãe, esse *toilette* me vem com todos os detalhes possíveis.

E.P.: Por que então não ilustrar os livros?

P.N.: Muitas pessoas me falaram sobre isso. Na realidade, tenho uma documentação muito grande, com fotografias de minha família que me foram enviadas principalmente após a publicação dos livros. Eu já tenho arquivadas cerca de mil fotografias e faltam ainda cerca de trezentas para completar o arquivo, que é o arquivo de minha série de memórias. Mas fiz a opção de não ilustrar os livros com este material porque entendo que a ilustração limita a interpretação do leitor e, às vezes, traz algumas desilusões. O personagem, às vezes, tem uma certa beleza, mas aí a gente publica a foto de um sujeito feio, com um bigodão, aquela coisa toda... E o personagem não merece a cara daquele cabra. Mas, ainda assim, tenho um projeto para a publicação posterior das fotos de todos os meus personagens. As ilustrações, como documento à parte, devem ser publicadas e é por isso que estou fazendo este arquivo.

E.P.: O senhor recebeu alguma formação linguística?

P.N.: Com dez, onze anos, eu era aluno num colégio inglês de Belo Horizonte, onde os professores não

respondiam nada aos alunos em português. A gente tinha que se virar num inglês ordinário, cheio de voltas. O primeiro idioma estrangeiro que tive e que vim melhorando sempre, foi o inglês. Ainda hoje, continuo a ler praticamente sem a necessidade de um dicionário, pois quando eu tenho dificuldades com o inglês, prefiro consultar um texto francês de tradução, para ver o sentido. Minha formação linguística teve por base também o francês e o alemão. Mas tive dificuldades com o português. No Colégio Pedro II, meu primeiro professor de Português foi José Júlio da Silva Ramos, um dos maiores filólogos do Brasil. Ele tinha se formado em Coimbra e gostava de falar com sotaque português; falava exatamente como um galego e ensinava uma ortografia fonética que era mal recebida. Neste colégio fui aluno, no segundo ano, de Álvaro Mayer, que tinha mania de português clássico, era um conservador e desmanchou tudo aquilo que o Silva Ramos tinha nos ensinado. E, no terceiro ano, fui aluno de um homem sensato, que não tinha partido, o Guilherme Mitscho, filho de alemães. Mas ele dizia assim: “Vou ensinar a vocês o português de todo mundo”. De modo que eu tive uma péssima formação nesta área e quando saí do colégio, já no período da faculdade, veio aquela revolução modernista em que cada um escrevia da maneira como queria. E a isso tudo junta-se uma série de reformas ortográficas que nós tivemos. O estudo da ortografia não valeu coisa nenhuma, porque um professor desmanchava o que os outros ensinavam e o modernismo acabou por derrubar tudo. Por isso, eu andei fazendo a leitura de um livro de gramática, há pouco tempo. Coloquei o livro na cabeceira e li duas

vezes de fio a pavio para recordar o que eu já sabia e aprender alguma coisa mais. Isso me foi muito útil.

E.P.: A adjetivação é algo muito evidente em sua escrita, não é mesmo?

P.N.: Mas veja que geralmente ela não é muito intencional. Talvez seja um defeito para alguns, mas eu gosto da palavra bonita, bem contornada, barroca. O conjunto das palavras bonitas me agrada profundamente. E isso, às vezes, sai sem querer.

E.P.: Quanto aos títulos de seus livros, como foram escolhidos?

P.N.: Eu tomava nota de tudo quanto é coisa que me parecia de interesse, até que descobri – fiz uma descoberta sensacional – eu descobri que eu falava de um baú, onde estavam os ossos da minha prima, debaixo de um oratório, no quarto de uma tia. Falei: “o título é *Baú de Ossos*, aquele baú de ossos dela, esse é que é o título”. Então eu adotei o sistema de procurar o título no texto. *Balão Cativo* foi tirado do texto; *Chão de Ferro*, também; *Beira-Mar* foi um título dado pelo Lúcio Costa. Ele me perguntou se eu chegava ao Rio no livro que eu estava escrevendo e eu falei – “chego, o fim do livro é minha chegada ao Rio”. Ele me disse: “Então vai se chamar Beira-Mar”, e o livro foi anunciado como *Beira-Mar* e eu não cheguei ao Rio. Eu continuei a rodar pelo interior do Brasil. De modo que me perguntavam “por que esse título, se você não chega ao Rio?” Eu respondia: “Por que você se chama

Diálogo

Antônio?” (por exemplo). Chama porque o pai dele quis. O livro é meu filho, eu ponho o nome que eu quero. Tanto me cobravam o porquê do título *Beira-Mar* que eu até contava uma história que Prudente de Moraes gostava muito de um hotel chamado *Hotel Península Fernandes* que havia aqui. Ele passava todo dia em frente. Ele era advogado da Light e ia a pé e passava na frente do hotel. Um dia ele resolveu entrar, pois achava muito bonito *Hotel Península Fernandes*. Entrou e perguntou : “O senhor é o dono deste hotel?” “Sou”. “Poderia me explicar (eu não sei se você já ouviu falar no Prudente de Moraes Neto, ele era muito pachorrento, muito engraçado), poderia me dizer a origem do nome do seu hotel?” O português disse (naquele sotaque que lhe é característico) :”Hotel porque é hotel”, “Fernandes porque eu sou Fernandes” e “Península” porque é uma beleza” – está explicado. Ele achava a palavra península, linda!

E.P.: O *Galo-das-Trevas* me deixa pensativa...

P.N.: O *Galo-das-Trevas*, eu estava sentado numa manhã, sem fazer coisa nenhuma, e então, de repente, eu pensei no Schimidt, no Augusto Frederico Schimidt. Lembrei daquele negócio “Página do Galo Branco”, do título do livro dele, parece uma coisa assim. Eu falei: “que diabo desse galo branco, que será isso?” Fui ver, peguei o “Aurélio” e vi galo, e comecei a procurar. Galo branco é um galo que tem umas penas colossais no rabo. Eles ficam nos galhos e aquilo vem até o chão, é uma beleza, é uma ave linda. Eu me interessei pela leitura e fui lendo, galo disso, galo de campina... até chegar no

T, galo-das-trevas. Eu falei: “isso é um título para um livro, não tenho a menor dúvida.” Pus e ninguém tomou satisfação. É um título que daria a impressão de ideia religiosa, mas não tem nenhuma. O título *Galo-das-Trevas* é extremamente sugestivo, de modo que eu quis ficar dentro da série das velas, por isso é que eu fiz o *Círio Perfeito* e vai se chamar o outro livro, se eu conseguir escrever o sétimo volume, *Cera das Almas*, dessas ceras da segunda-feira que escorrem pela calçada abaixo, pela porta da igreja abaixo e que os sacristãos vêm tirar para vender a compradores de cera e fabricantes de velas. Essa cera das almas é um restolho.

E.P.: Por que o senhor não continuou a escrever poemas, como fazia em sua juventude?

P.N.: De fato eu poderia ter voltado à minha poesia de moço. Mas, com toda sinceridade, não gostava muito dela. Achava que era uma poesia feita com esforço, construída, quando a poesia deve jorrar, brotar de repente. A pessoa deve sentar numa mesa e escrever o poema quase numa espécie de transe, sem ter quase nada para corrigir. Agora, quando fica rabiscando, indo pra frente e pra trás, como na prosa, é uma construção. Tem dois poemas que acho que valem alguma coisa e que foram escritos assim, no jato: *Mestre Aurélio entre as Rosas* e *O Defunto*. Mas, de uma maneira geral, não gostava da minha poesia e por isso escolhi continuar com a prosa. Já tinha embrenhado nesta linha de contar aos meus irmãos a história da minha família, pois eu detinha todos os papéis, as fotografias, tudo. O aban-

Diálogo

dono da Medicina foi uma coisa natural e a tomada da atividade literária também foi algo normal, para ter alguma coisa a fazer. Eu tenho horror desses velhos que ficam de boné branco, com uma espécie de roupa esportiva, andando pelas ruas pelo braço das mulheres. Eu queria fazer na minha velhice alguma coisa diferente disso.

E.P.: O senhor foi convidado para ingressar na Academia Brasileira de Letras e não aceitou. Que razões o levaram a isso?

P.N.: Fui convidado, oficialmente, por dois grandes amigos meus da Academia, que trouxeram uma carta assinada por 14 acadêmicos. Disse-lhes que não tinha vontade de ser da Academia porque ela tem um aspecto disciplinador. Quem entra tem que adquirir um certo número de opiniões, que são as opiniões da casa. É um partido muito forte, é o partido literário. E eu não estava disposto a entrar para uma coisa que me tirasse a liberdade de escrever as memórias, como tenho escrito, arranjando muitos inimigos. Digo a verdade até onde posso dizê-la, sem maledicências. Mas, gosto de gozar as pessoas, de mostrar os ridículos, essa coisa toda. Eu queria continuar com essa liberdade. Não aceitei a Academia Mineira e nem a Brasileira, por esta razão. E também porque iria me tornar um mau acadêmico, mau companheiro, perderia amigos. Sou contra esse critério adotado em todas as Academias, de eleição dos homens apenas ditos eminentes. Parecem eminentes, procuram se fazer de eminentes. São os medalhões de uma maneira geral. O patrono da Academia é o Ma-

chado de Assis e gosto muito da teoria do medalhão que ele escreveu: é o sujeito que não é nada e que parece que é tudo, mas que não aguenta uma análise. Ora, tenho eleitos como figuras eminentes até amigos meus, aos quais eu negaria o voto. Por isso é que não tive e não tenho vontade de ser acadêmico.

E.P.: Carlos Drummond de Andrade considera sua obra entre o que de melhor produziu a memorialística brasileira. Como o senhor vê essa colocação?

P.N.: Isso me envaidece profundamente, pelo respeito que tenho pelo Carlos, que é hoje um dos meus amigos mais antigos. Nos conhecemos em 1921. São 62 anos de amizade, sem nuvens. Nunca tive nenhuma rusga com o Carlos. Ele é naturalmente cerimonioso, reservado. Eu não gosto de tomar confiança, eu vou com as pessoas até onde elas deixam. Sou incapaz de fazer uma pergunta íntima a quem quer que seja. Há pouco, deu-se conosco uma cena engraçada. O Carlos me perguntou: “Você não está notando nada de diferente na minha cara, não?” Eu disse: “Estou. Você está de bigode e com uma ferida no rosto.” Ele falou: “É exatamente por causa dessa ferida que estou de bigode. Porque quando vou escanhoar o bigode, eu corto e irrita a ferida. De modo que enquanto isso não cicatrizar, vou ficar de bigode, mas depois vou raspá-lo.” O Carlos achou que devia me dar uma explicação. Eu a aceitei, mas nunca provocaria isso. Se ele aparecesse para mim com a cabeça raspada, com o bigode para cima, com os olhos para baixo, eu não teria nada com isso. Não sei fazer perguntas pessoais. Sou como os ingleses que sempre mantêm uma boa amizade.

Diálogo

E.P.: Gostaria que o senhor falasse sobre o Pedro Nava brasileiro, mineiro, médico, escritor, ou seja, o Pedro Nava pessoa.

Ele é uma boa pessoa e grande figura (interfere dona Nieta, esposa de Nava, que acompanha a conversa).

P.N.: Esta é uma opinião suspeita, porque é parcial. Eu não me olho como grande figura. Eu me acho um homem cheio de defeitos, sou impulsivo, tenho feito muitos inimigos por causa disso. Agora, a meu favor, digo o seguinte: jamais ataquei uma pessoa primeiro; os meus ataques são revidantes, de modo que aí existe uma qualidade. Sou rancoroso, guardo muito as defeitas, as afrontas que me são feitas. Mas não sou odiento, porque se eu fosse odiento na proporção em que sou rancoroso, no sentido de guardar e não perdoar, eu já teria matado alguém. Nesse sentido, eu sou um titica... Mas, não vou procurar esforços, não; a minha arma é a palavra, eu tiro esforços é nos meus livros, colando umas máscaras nas pessoas ou tirando umas máscaras.